

A Invenção de Hélio Oiticica

Celso Fernando FAVARETTO, São Paulo, EDUSP, 1992, 234 p. (Texto e Arte, 6).

Ricardo Nascimento FABBRINI *

A Perlaboração de Hélio Oiticica

A Invenção de Hélio Oiticica de Celso Fernando Favaretto, publicado recentemente pela EDUSP/FAPESP na cuidadosa coleção *Texto e Arte*, reconstrói, nas palavras do autor, a "coerência de programa" e a "lucidez crítica" desse "artista inventor", que "cavou no desconhecido", definindo "suas regras de criação e categorias de julgamento".

Haviam se somado, até então coletâneas de seus textos, artigos de circunstância, apresentações em catálogos e documentações fotográficas. Mas só agora todo este material é submetido a uma *atividade interpretativa* que revela sua *significação*, uma unidade de longo alcance. Isto num momento em que uma retrospectiva do artista, organizada pelo projeto H.O. do Rio de Janeiro, pelo Witte de With de Roterdã e pelo Jeu de Paume de Paris, percorre, até 1994, a Holanda, a França, a Espanha e os Estados Unidos.

A *leitura* de Favaretto demonstra que Hélio criou um "dispositivo delirante", constituído de duas séries, a da produção artística e a do discurso, ambas coerentes. Seus textos – teóricos, programáticos, de análise de produção artística, notas de trabalho, comentários de leitura, cartas e exercícios de experimentação da linguagem verbal são entrecruzados, no curso do livro, ao desaguamento de sua fase visual (da *arte*) em sua fase sensorial (ao *além da arte*) revelando, traço a passo, o *sentido construtivo* de seu "programa *in progress*".

A espinha dorsal de sua criação é exposta na circulação dos capítulos: a evolução de uma obra para outra, de 54, quando Hélio contava dezessete anos, a 80, ano de sua morte, é escandida sem abrandar o "valor da novidade, da estranheza, da experiência do choque" de seu salto tigrino do plano da pintura para o espaço, que acabou por embaralhar a arte e a vida. Não há apenas a coleta e o relato de sua

(*) Professor do Departamento de Filosofia da Faculdade de Comunicação e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP. Mestre em Filosofia pelo Departamento de Filosofia da FFLCHUSP.

produção (um "exercício experimental da liberdade" no *achado verbal* de Mário Pedrosa), mas também o reconhecimento de sua legalidade própria, de sua ordem que nunca desmesura, da rede secreta de suas relações internas, enfim, da razão de seu funcionamento que interliga diferentes *proposições*: *Metaesquemas, Invenções, Bilaterais, Relevos Espaciais, Núcleos, Penetráveis, Bolidos, Parangolés, Manifestações Ambientais, Apropriações, Tropicália, Suprassensorial, Crelazer, Projeto, Apocalipópese, Éden, Ninhos, Barracão, Não-Narrativas, Subterrânia, Delírio Ambulatório e Contrabólides*.

Tudo é *recriado*. Seus primeiros trabalhos no plano (54-56), onde as formas pulsam, se soltam – bailam – com sua insinuação excêntrica que produz o efeito de anulação do fundo e do suporte. Os *Parangolés* (63-64), capas que enovelando o corpo salientam "suas ações e gestos esplendentes de cor" (Favaretto): cada participante eletrizado pelo espargimento de luz colorida de suas camadas de panos transforma-se em um Ícaro de "asa-delta aberta para o êxtase" (Haroldo de Campos). Também a fase do *Suprassensorial* (sintetizada no projeto apresentado na *Witthelchapel Gallery*, em Londres, em 69) é remontada: um núcleo de experimentações limites, um "*campus experimental*", a "*célula-mater*" de um "*mundo-lazer*" a ser vivido num "*além-ambiente*". "Uma espécie de taba onde todas as experiências humanas são permitidas", situada à margem do *underground*, ou das formas de des-sublimação programada, porque mais "abertas, mutáveis e violentas" (H.O./Favaretto).

Por fim, o livro enfrenta o recolhimento fecundo de Hélio em New York, a partir de 70, onde permaneceu revitalizando proposições, pesquisando multimeios (uma *intersemiose* de cinema, fotografia e som), produzindo textos "*nãonarrativos*", elaborando projetos para o Brasil – e sobretudo, aspirando, como Dédalo, a grandes labirintos, a obras públicas que injetassem na "*convi-conivência*" brasileira "acontecimentos poéticos-urbanos" (H.O.). Em suas últimas entrevistas "dizia estar apenas começando": "Tudo o que fiz antes considero um prólogo. O importante está começando agora", declarou em 78. Mas, conclui Favaretto, "a sua morte deixou suspensa a questão: depois que a arte deslizou para o além-da-arte, o que poderia sobrevir?" Um novo *prelúdio*, *pós-tudo*? Se tudo fora visto, dito, *proposto*, nada perdido, em que fresta o imprevisto?

O livro, atento ao desenrolamento desta trajetória, não clidiu os diferentes contextos e as múltiplas influências atravessados por Oiticica: sua participação no *Grupo Frente* e no *Neoconcretismo* nos anos 50; o contato com a fenomenologia de Merleau-Ponty sob a mira de Pedrosa e Gullar, no mesmo período; a descoberta, na década seguinte, do samba da Mangueira "que lhe deu régua e compasso", do inconformismo da marginalidade que lhe ensinou que o "crime é uma busca desesperada de felicidade" e do espaço comunitário das favelas; sua identificação com a estratégia cultural do *Grupo Baiano Tropicalista* de Cactano e Gil; sua participação,

em 67, na radicalidade do grupo da *Nova Objetividade Brasileira* formado por artistas plásticos; sua *posição* no panorama internacional da arte contemporânea face à *body art*, à *arte povera* e à *arte conceitual*; e, por fim, seu insulamento em New York nos anos 70 –, uma "parada tática, reflexiva, mas não improdutiva".

A *teoria*, neste livro, é "algo que se faz, não menos que seu objeto", como quer Deleuze (um autor que também estava, em 79, no horizonte de Oiticica). Seu texto é uma *prática*, tanto quanto seu *objeto* que se esfrega com outras *práticas* (literárias, filosóficas, artísticas, etc). Não é apenas um *livro sobre* Oiticica: é uma produção conceitual, um *delírio ambulatório* do sentido movido pela *perlaboração* (de *durcharbeiten* próximo a *working-through* ou "elaboração interpretativa" como sugerem Pontalis e Laplanche). A *perlaboração*, conceito *freudiano* de 14, que o autor *aplica* à prática de Oiticica (às suas séries em sinapses, discursiva e artística) move na verdade sua própria *leitura*. O texto, como uma *terapia*, produz uma *interpretação* superando as *resistências* (as *dester-ritualizações*) que o *objeto* suscita. Ele mostra pela *anamnese* que as *significações* (como as de "inventar", de "ir para a frente", de "experimentar", etc) são *as invariantes* do percurso, seu ponto móvel de fixação. O livro apalpa e repisa a cada nova *investida* este *movimento*, o aguilhão do "experimentar o experimental" – a *Beatriz* de Hélio, lembra Celso –, a *pulsão vanguardista* que resiste à força da compulsão à repetição dos *protótipos inconscientes*, culturais, existenciais, etc. Não há assim uma rememoração ou a repetição dos *fios soltos do experimental* de Oiticica, mas o seu relançamento, *uma invenção*. Um *livro de viagem* escrito numa linguagem escorreita, diligente mas sem excessos de polimento, nunca rastaqüera, pautada sempre pelo *engenho* e *arte*.

(Recebido para publicação em 15.12.92 e liberado em 04.03.93)

